

Breves Rabiscos

Resenha Literária 

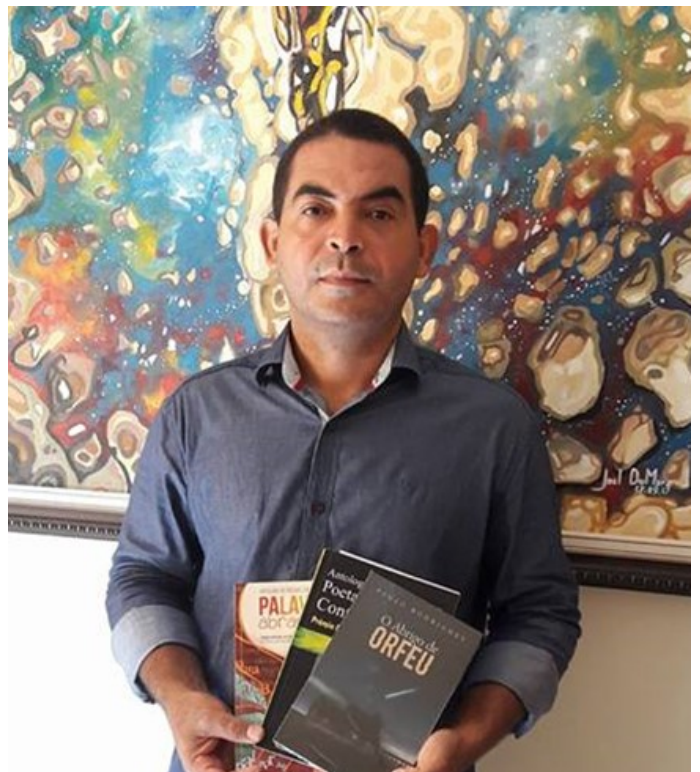
O ABRIGO DE ORFEU

Uma breve leitura do livro do poeta caxiense Paulo Rodrigues

Por José Neeres

Há dias em que você acorda, olha sua agenda e sente de imediato o desejo de se multiplicar em dois ou três para dar conta de tantas atividades. Depois, voltando à realidade, é hora de perceber que somos únicos e que não temos o dom da onipresença. Então a única solução racional é acostumar-se com o fato de que, invariavelmente, iremos perder alguns eventos e algumas boas companhias. Mas a vida é assim.

Foi por estar bastante atarefado que perdi o lançamento do livro **O Abrigo de Orfeu**, do amigo, poeta e professor Paulo Rodrigues. Mas não deixei de adquirir a obra e perto das 23 horas, quando finalmente me desincumbi de todas as tarefas do dia, parei para ler o livro.



Imagens recolhidas das redes sociais do autor

Conheci Paulo Rodrigues durante um evento em Santa Inês. Naquela época, ele exercia o cargo de Secretário de Educação do Município e, tanto por força do ofício quanto por paixão pelas letras, estava ali recepcionando os convidados com toda a elegância e demonstrando que não era apenas um burocrata, mas sim um homem apegado às artes. Depois tive o prazer de encontrá-lo em outros eventos dedicados à cultura. De sua obra conhecia apenas textos esparsos divulgados em redes sociais, mas que já demonstravam um talento latente que parecia estar sendo lapidado pelo tempo, pelas constantes leituras e pelo contato com outros escritores.

Faltava então ver esses trabalhos enfeixados em livro, pois nem sempre os textos soltos mostram a verdadeira face de um poeta. Às vezes, os versos publicados na internet agrandam demais ou apequenam absurdamente a figura do escritor. A quantidade de curtidas, comentários e compartilhamento nem sempre está de acordo com a qualidade dos poemas. Por isso, apesar de ler essas obras divulgadas, fico na espera de que o artista tenha tempo e/ou disposição para coletar seus melhores trabalhos e publicá-los de forma definitiva, seja em livro físico, seja em trabalhos virtuais.

Assim, esperei o lançamento do livro para comprovar o que já vinha percebendo nas postagens da internet. Conforme disse antes, não pude ir ao evento, mas não deixei de adquirir a obra e no finalzinho da noite, cansado de um exaustivo dia de trabalho, comecei a folhear e a ler ***O Abrigo de Orfeu*** (Editora Penalux, 2017, 84 páginas).

O aspecto físico do livro agrada de imediato aos olhos do leitor. Boa diagramação, impresso em papel pólen, o que facilita muito a leitura. As “orelhas” são assinadas pela também talentosa poetisa Luíza Cantanhede, e o prefácio traz as marcas críticas do escritor Nathan Sousa. A princípio, esses detalhes perigráficos já seriam suficientes para alguém gostar do livro. Porém, para a literatura, o mais importante deve ser o texto. E essa velha senhora chamada literatura é exigente, muito exigente.

Trata-se de um livro que certamente foi pensado e planejado com cuidado e parcimônia, pois está longe de ser apenas um amontoado de poemas escritos em épocas distintas e que foram selecionados com o intuito de atingir determinado número de páginas. Não. Esse livro não traz as costumeiras marcas das pressas que tanto fazem os poetas caírem em armadilhas silenciosas que nem precisam de tempo para serem ativas.

Dividido em três partes que se completam – 1) *Abrigo*, 2) *Terraço*, 3) *Metáforas e Minha Vó Zabel* – o livro apresenta poemas que fazem o movimento de fora para dentro do Ser, fazendo o leitor mergulhar em um turbilhão de sentimentos que se multiplica até fazer o movimento inverso e trazer à tona um pouco do que ficou escondido nas entranhas dos múltiplos eus, eles e nós que se encontram e se esbarram nos versos e nas páginas.

Começo a ler o livro e logo sou fisgado pelo primeiro poema – ***Abrigo de Silêncios***, um trabalho de ourivesaria em que cada palavra se encaixa formando um todo repleto de imagens.

um andarilho
esquartejado
em pequenos
pedaços.

entra no caminho
pedra
trágico
abrigo
de silêncio.

ignora o gesto
cotovelo
na íris
carnal.

e arranca
as sandálias
do esquecimento
para lavar os pés
no mármore. (p. 17)

A escolha lexical de Paulo Rodrigues nos versos acima transcritos já deixa antever um poeta preocupado não apenas com a melodia dos versos, ou com a mera busca de imagens de impacto acústico/visual, mas sim com um conjunto poético que mescla aquilo que o crítico e poeta Ezra Pound chamou de melopeia, fanopeia e logopeia, com ênfase na última.

Os demais poemas do livro seguem na mesma linha de buscar soluções poéticas para algo que poderia ser dito de outro modo, possivelmente despedido de arte e de intencionalidades no trato com a palavra. Em determinado momento, na página 27, me deparo com *Fotografia*, um poema simples e que termina de forma apoteótica, em uma mescla de ironia, frase de efeito e provocação. Depois de jogar muito bem com palavras que poderiam parecer desconexas em outro contexto, o eu lírico fecha o texto com a seguinte passagem:

fui bem-afortunado
quando te perdi
num jogo de azar.



Em alguns momentos, Paulo Rodrigues ainda cai na tentação da metalinguagem, principalmente nos poemas mais curtos, nos quais quase sempre há uma tentativa de dar uma significação alternativa para palavras que fazem parte do cotidiano, mas que como já vaticinou o grande Manoel de Barros, podem ser despendeadas. Mas isso não pode ser visto como demérito, pois essas metáforas trazem um sabor que, se não podem ser vistas como novidades absolutas, também não podem ser acusadas de serem requentadas e servidas em um final de banquete.

Em alguns casos, as imagens inusitadas trazem um sabor diferenciado, como é o caso de:

a solidão é um cará vermelho
descendo no exílio da garganta. (p. 43)

Muito pode ser dito sobre esse livro de Paulo Rodrigues. Nas páginas dessa obra é possível descortinar múltiplas incursões pelas mitologias clássicas e pelas pessoais, toques aparentemente autobiográficos, e muitos, muitos momentos de uma poesia que dialoga com o que há de melhor no mundo das letras.

Vale a pena ler *O Abrigo de Orfeu* e saborear cada página com a alegria de quem alimenta o intelecto, o espírito e o bom gosto.

TEXTO: JOSÉ NERES – Professor de Literatura, membro da Academia Maranhense de Letras (cadeira 36), membro convidado da Sociedade de Médicos escritores (Sobrames) e membro-correspondente da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (Aicla).

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO: GABRIEL BARROS NERES – estudante de Jornalismo da Faculdade Estácio.